

# **A importância da Literatura Afro-Brasileira para crianças e Educação das Relações Étnico-Raciais: construindo novos mundos a partir de “O Mundo no Black Power de Tayó”**

DAL FIOR, Marcela Morais<sup>1</sup>

**Resumo:** Pensando na negativa histórica sofrida pelos negros, no silenciamento a qual foram submetidos, em nossa sociedade produtora e reprodutora de racismos e na necessidade de desenvolver práticas pedagógicas antirracistas, este artigo tem por objetivo discutir as contribuições da literatura afro-brasileira para crianças no desenvolvimento uma Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), de modo a fortalecer a construção de pertencimento identitário positivo, reconhecimento da valorização cultural e histórica africana e afro-brasileira. Buscamos favorecer novas leituras e percepções sobre literatura afro-brasileira para crianças, e provocar outras formas de vincularmos literatura e ERER, apontando para a grande valia da construção de uma educação literária antirracista desde a infância. Para tanto, realizamos análise da obra “O Mundo no Black Power de Tayó” (2013) com autoria de Kiusam de Oliveira escrita em um contexto pós promulgação da Lei 10.639/2003. Usamos a perspectiva teórica da literatura afro-brasileira defendida por Eduardo de Assis Duarte (2010) para nortear a análise. Os resultados apontam que o enredo analisado constitui em um potente instrumento para a luta no combate à discriminação racial e ao desenvolvimento de uma educação antirracista, e podem permitir às crianças negras sentirem-se representadas nessas histórias, e às crianças não negras reconhecerem a história de um povo que contribuiu fortemente para a formação do povo brasileiro. Nesse sentido, educar para as relações étnico-raciais é educar para a formação humana dos indivíduos, tal como a literatura que expressa nossa existência cultural, artística, política e social.

**Palavras-chave:** Literatura; Educação das Relações Étnico-Raciais; Leitura.

## **Introdução**

Quando refletimos sobre a escola, em uma dimensão específica da formação, inserida em um processo educativo mais amplo, nos deparamos com uma educação que perpassa além das disciplinas escolares, conteúdos, currículos, regimentos. Encontramo-nos com distintos olhares que se entrelaçam e perpassam as relações sociais. Dessa forma, a instituição escolar pode ser compreendida como espaço que contribui para a constituição do ser humano.

Por mais importante que seja o papel da escola, nos deparamos com situações de preconceito que, conseqüentemente, geram discriminação racial/racismo, mas, enquanto instituição preocupada com a construção de um sujeito não racista, a escola,

---

<sup>1</sup> Mestra em Ensino na Educação Básica pelo PPGEED – UFES/Ceunes. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Capixaba de Nova Venécia-ES. E-mail: mmorais.dalfior@gmail.com

como espaço de socialização, tem o dever de intervir nesse processo. Portanto, sabemos que a escola não está descolada da sociedade e, na maior parte das vezes, encontra dificuldades para romper com as situações racistas que acontecem cotidianamente, não só no seio social, mas nela mesma.

Pensando na negativa histórica sofrida pelos negros, no silenciamento a qual foram submetidos, em nossa sociedade produtora e reprodutora de racismos e na necessidade de desenvolver práticas pedagógicas antirracistas, este artigo busca discutir as contribuições da literatura afro-brasileira para crianças no desenvolvimento uma Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), de modo a fortalecer a construção de pertencimento identitário positivo, reconhecimento da valorização cultural e histórica africana e afro-brasileira.

Buscamos favorecer novas leituras e percepções sobre literatura afro-brasileira para crianças, e provocar outras formas de vincularmos literatura e ERER, apontando para a grande valia da construção de uma educação literária antirracista desde a infância. Para tanto, realizamos análise da obra “*O Mundo no Black Power de Tayó*” (2013) com autoria de Kiusam de Oliveira escrita em um contexto pós promulgação da Lei 10.639/2003.

## **1 Tecendo fios: Educação das Relações Étnico-raciais e Literatura Afro-Brasileira**

Ainda que se realizem lutas, esforços para a garantia, em esfera legal, de uma educação promissora e antirracista, sua eficácia se dá no desenvolvimento de práticas pedagógicas no combate ao racismo. Com este fim, a Lei 10.639/2003 torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica brasileira, em todas as etapas do sistema educacional trouxe algumas mudanças, reflexões e determinações para uma educação antirracista.

A referida legislação nos permite um novo olhar sobre a educação das relações étnico-raciais em nosso país, de modo a assumir um valor educativo vasto, relacionado às questões raciais. Tem-se, a partir dessa lei, a disseminação de conhecimentos e percepção da história que possibilitam o potencial acesso ao conhecimento sobre a África, bem como da trajetória do povo africano e afro-brasileiro, que transcende aos estereótipos de inferioridade. Nesse sentido, a ausência e/ou escassez desses conhecimentos levou o povo negro a requerer uma condição igualitária e de orgulho referente a sua trajetória histórica.

Dessa forma, considerando a existência da crença de que o racismo, bem como o preconceito e discriminação não integram o cotidiano das crianças, e que inexistem situações conflituosas entre elas, em detrimento ao pertencimento étnico-racial, é essencial a construção de práticas educacionais destinadas às crianças, com o intuito de promover a igualdade racial. Para isso, se faz necessário que os educadores sejam incitados a promover tais práticas, porque, mesmo havendo a obrigatoriedade determinada por lei, isso, por vezes, acaba sendo ignorado.

Na busca de um meio para que os estudantes não venham a se tornar preconceituosos, tendo atitudes de discriminação racial/racismo, é importante que eles possam tomar conhecimento acerca da história afro-brasileira desde a infância. Ademais, é necessário levá-los a compreenderem as diferenças raciais, em uma linguagem acessível a eles. Logo, é imprescindível que professores e professoras desenvolvam em salas de aula uma prática educativa antirracista. Encontramos na literatura infantil essa possibilidade, considerando o que Abramovich (1997) nos diz:

[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente de descoberta e de compreensão de mundo (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Podemos perceber, diante da citação da pesquisadora, que ser ouvinte de muitas histórias é engajar-se em um mundo repleto de emoções, como a alegria, raiva, tristeza, bem-estar, medo, felicidade, dentre outras. Provoca também grandes descobertas de um universo no qual se tende a encontrar diversos impasses, conflitos e soluções que permeiam a nossa vivência, ou seja, escutar histórias favorece o desenvolvimento infantil, propiciando aprendizagem e conhecimento de mundo. Assim, é importante nos questionarmos sobre quais histórias devemos contar e se essas são capazes de tratar, da maneira mais ampla possível, as diferenças que formam os sujeitos. A esse respeito, destaca Costa (2017):

Trazer para as salas de aulas narrativas protagonizadas por personagens negras é ampliar as inúmeras possibilidades de leituras que a escrita afrodescendente apresenta, é optar pela escolha consciente de que o texto literário precisa e deve continuar sendo mais uma possibilidade de a arte transmutar-se em lentes da realidade (COSTA, 2017, p. 126).

Devemos, então, pensar em uma literatura que traga representação de personagens negras e não negras. Narrativas que produzam sentidos para todas as representações e suas diferenças. A literatura para crianças pode evidenciar as narrativas brasileiras, afro-brasileiras, africanas e europeias, considerando a importância do texto literário para a formação dos indivíduos e a grande valia de iniciar essa abordagem na infância. De tal modo, é preciso ter conhecimento e escolher acertadamente qual literatura trazemos para o espaço escolar, pois sabemos que o currículo pode ser insuficiente ou inadequado, apresentando, por exemplo, em grande medida, os clássicos da literatura, que por sua vez, não contemplam a literatura escrita por negros e negras.

Levando em consideração a necessidade de uma escolha literária adequada, apontamos os textos literários afro-brasileiro como uma possibilidade para o desenvolvimento de uma educação antirracista.

O precursor da literatura afro-brasileira Eduardo de Assis Duarte, nos explica que esta literatura tem formulação mais elástica e produtiva, destacando que é um conceito ainda em construção. Desse modo, alguns elementos distinguem a literatura afro-brasileira, e são destacados pelo autor, como:

[...] uma voz autoral afrodescendente, explícita ou não no discurso; temas afro-brasileiros; construções linguísticas marcadas por uma afro-brasilidade de tom, ritmo, sintaxe ou sentido; um projeto de transitividade discursiva, explícito ou não, com vistas ao universo recepcional; mas, sobretudo, um *ponto de vista* ou *lugar de enunciação* política e culturalmente identificado à afrodescendência, como fim e começo (DUARTE, 2010, p. 122).

De acordo com Duarte, é preciso considerar os elementos – temática, autoria, ponto de vista, público e linguagem – que não estão demarcados apenas na escolha, mas que, juntos, formam essa literatura, visto que, isolados, são insuficientes para configurar uma literatura afro-brasileira.

## **2 Encantos mágicos e poderosos de *Tayó***

A menina *Tayó*, personagem negra de seis anos, apresenta-se cheia de autoestima e orgulho, destacando seus belos cabelos black power, numa narrativa que valoriza o pertencimento identitário racial e evidencia elementos importantes da cultura africana e afro-brasileira. A personagem foi criada em 2013 pela escritora

paulistana Kiusam de Oliveira, e ilustrada por Taisa Borges que, em seu trabalho de construção de imagens potencializa a personalidade de Tayó num diálogo entre cores quentes e frias. “*O Mundo no Black Power de Tayó*” é um convite para conhecermos uma parte da cultura de negras e negros africanos, e negras e negros brasileiros.

O enredo é construído em um contexto pós Lei 10.639/2003, que coloca as questões étnico-raciais em um novo lugar no espaço educacional. A partir de reflexões sobre a presença rarefeita do negro na literatura brasileira, após essa legislação, há o despontar de produções, principalmente de literatura infantil, por autores negros e negras.

O título da história incita-nos a entrar no mundo de Tayó, uma princesa que carrega reflexos de sua personalidade desde o seu nome, originário da língua africana iorubá, que significa “da alegria”.

O seu jeito encantador, feliz, influencia a maneira como a personagem se relaciona com os que a rodeiam, e com seus ancestrais. Observamos que Kiusam cria uma identificação das crianças com a personagem. Podemos perceber isso com a idade de Tayó revelada logo nas primeiras páginas. Há, desde o início da obra, uma elevada autoestima, valorização da beleza, e do corpo negro. Essa representação positiva da personagem potencializa a construção de uma identidade negra positiva. Identidade esta que pode ser considerada como uma construção social, política e histórica, que remete aos modos de pensar, agir, sentir, estar e ser no mundo.

A autora prossegue na valorização dos traços fenotípicos de Tayó e ressalta elementos que evidenciam a negritude. A palavra negro utilizada remete ao fenótipo, deixando explícito que a personagem se trata de uma criança negra, que tem em seus olhos o brilho das estrelas, demonstrando ser feliz e cheia de autoestima

Essa valorização fenotípica trazida na literatura é de grande importância para as crianças que ouvem a história, pois a representação do negro nas histórias tinha outra configuração, principalmente no período anterior à Lei 10.639/2003, que, além de não trazer o personagem negro como principal, quando este aparecia nas histórias, era em condição subalterna, de servidão. Em relação a isso, Rosenberg (1984) destaca:

Notamos ainda uma série de indicadores que privilegiam a cor-etnia branca e desvalorizam outras. A cor negra, por exemplo, aparece com muita frequência associada a personagens maus, seja diretamente através da pigmentação do tecido que o recobre (pele, pêlo, penas), da coloração de seus acessórios e vestimentas ou ainda do contexto

que o cerca. O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica impregna o texto com bastante frequência (ROSEMBERG, 1984, p. 84).

Essas associações ao negro, muito realizadas nos livros de literatura, e na escola, demonstram as facetas da discriminação e trazem grandes prejuízos às crianças, sobretudo às crianças negras. Cavalleiro (2018) explana a esse respeito:

Não há como negar que o preconceito e a discriminação constituem um problema que afeta em maior grau a criança negra, visto que ela sofre, direta e cotidianamente, maus tratos, agressões e injustiças que afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento futuro (CAVALLEIRO, 2018, p. 98).

Diante do exposto, são visíveis as mazelas que o racismo provoca. Desse modo, trazer para as crianças uma literatura que reverbere o negro em seus aspectos positivos, pode possibilitar uma nova significação à criança negra, da sua identidade, cultura. Isso acontece na obra estudada, quando, por exemplo a narradora refere-se ao nariz de Tayó como algo precioso, reluzente, e de grande valor, como o ouro. A narradora compara o nariz da personagem a uma “[...] larga e valiosa pepita de ouro” (OLIVEIRA, 2013, p. 12).

O livro apresenta também várias palavras em Iorubá, um idioma provindo linguisticamente da família nigero-congolesa, usado principalmente pelo povo Iorubano de vários países ao sul do Saara, como a Nigéria. Já no Brasil, o Iorubá foi considerado em 2018 como patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro, e em 2019, tornou-se patrimônio cultural imaterial de Salvador.

Alinhada ao prestígio do fenótipo, temos a importância da família na construção identitária positiva, autoestima elevada, e no enfrentamento do racismo pelas crianças negras. Ao tratar da relevância da família nesse processo, Cavalleiro (2018) aponta:

Escola e família, juntas, representam a possibilidade da transformação do pensamento sobre a realidade social construída sob ‘ideologias’, como o ‘mito da democracia racial’. Somente uma discussão profunda dos problemas relacionados ao preconceito e à discriminação pode concorrer para a transformação da sociedade (CAVALLEIRO, 2018, p. 13).

Nessa perspectiva, salientamos a relevância da escola e família caminharem juntas, lado a lado, na construção identitária das crianças, considerando a função mediadora que exercem na vida delas.

É importante frisarmos a forma como, tanto a família, quanto a escola enfrentam o desafio do racismo e as questões étnico-raciais tem uma relevante

influência na formação identitária das crianças, sobretudo das crianças negras. Partindo dessa premissa, é fundamental que sejam criadas possibilidades para o compartilhamento, especialmente pela criança pequena, de patrimônios culturais que ainda são construídos pelos diferentes grupos.

Tayó se diverte ao enfeitar os seus cabelos, abusando dos mais diversos penteados, e isso nos remete ao resgate de uma infância negra alegre, com vivências lúdicas, pois a personagem cria relações afetivas em toda história com a sua mãe. Podemos observar que Tayó vive uma infância fortificada pelo autoamor espelhado em sua mãe, que reconhece a sua força e potência, estimulando a própria filha a se enxergar do mesmo modo.

O espaço privado da personagem foi traçado por linhas coloridas de amores e afetos, porém será no espaço escolar que Kiusam apresentará a situação de racismo que, infelizmente, foi vivenciada pela personagem quando os colegas de classe disseram que o cabelo de Tayó era “ruim”, e apresenta a personagem empoderada que, de maneira bem-humorada, responde: “meu cabelo é muito bom porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso” (OLIVEIRA, 2013, p. 27). Os colegas proferiram palavras negativas justamente em relação à parte do corpo de que a menina mais gosta. Não hesitaram em machucá-la. Mas, mesmo com todo o discurso racista, a menina, cheia de autoestima e certa dos valores, não reproduz uma resposta violenta, mas também não deixa de responder aos agressores. Faz isso, demonstrando o poder que possui em carregar o mundo nos cabelos. Tayó mostrará como o conhecimento e valorização da sua ancestralidade auxiliarão no combate ao racismo.

Em uma sociedade racista como a nossa, são utilizadas diversas estratégias para discriminar negros e negras. Discursos proferidos contra a estética do negro são alguns dos meios para retirar a sua humanidade. Podemos dizer que essa, talvez, seja uma das mais graves formas de o racismo se estender e durar, visto que converte as diferenças fenotípicas em marcas de inferioridade.

Mesmo com toda autoestima e identidade positiva de Tayó, ela é afetada pelo racismo, o que a leva a refletir e rememorar sobre os seus ancestrais, o quanto sofreram com a ruptura e sequestro de suas memórias, culturas, e recorre a eles para curar as feridas deixadas pelo racismo, ao voltar para casa, local onde sente segurança, afeto. No que concerne à importância da ancestralidade, Gomes (2003) destaca:

[...] quanto a herança ancestral africana recriada no Brasil – e que nesse artigo chamamos de cultura negra – orienta e traz inspiração para os negros da diáspora. Sempre sob formas diferentes, essa herança está entre nós (e em nós) e se objetiva na história, nos costumes, nas ondas musicais, nas crenças, nas narrativas, nas histórias contadas pelas mães e pais/griôts, nas lendas, nos mitos, nos saberes acumulados, na medicina, na arte afrobrasileira, na estética, no corpo (GOMES, 2003, p. 79).

Nota-se como é fundamental a compreensão da cultura, do quanto a ancestralidade é essencial para solidificar os pensamentos, entender suas raízes, e, conseqüentemente, a si. A importância ancestral é ainda mais explícita quando Tayó retoma a sua personalidade e dá lugar às lembranças alegres, com a alma potente dos seus antepassados, trazendo para o seu cabelo black power as heranças e saberes deixadas pelos seus ancestrais, como as brincadeiras, cores, sons e danças. É nessas lembranças que a menina se fortalece e ampara, resistindo e combatendo o racismo, para que não haja os efeitos dele em sua vida, como bem pontua a narradora no seguinte trecho do enredo, ressaltando que Tayó:

[...] é capaz de transformar todas as lembranças triste em pura alegria, projetando em seu penteado todos os sons e sores alegres das tradições que negros e negras conseguiram criar e preservar, como as danças, os jogos, as religiões de matriz africana, as brincadeiras, os cantos, as contações de histórias e todos os saberes, demonstrando que nem correntes nem grilhões conseguiram aprisionar a alma potente dos seus antepassados (OLIVEIRA, 2013, p. 31).

Podemos observar que essa narrativa contempla uma função que vai para além de contar uma história infantil, possibilitando que seja possível construir identidades a partir da aceitação do cabelo, fenótipo e ancestralidade africana quando Tayó recorre aos seus ancestrais e alimenta-se do afeto que tem por sua mãe, espelhando-se nela. Assim, a menina tem a certeza de que a beleza que possui é herança de sua mãe, enxergando-a como rainha, e sente muito orgulho disso.

O olhar de mãe e filha demonstra conexão, segurança, confiança e amor que têm uma pela outra. Enxergamos nessa relação, poder e encantamento. Podemos perceber que os padrões impostos pela sociedade, sobretudo os de beleza, refletem na maneira como a pessoa se percebe. É preciso, portanto, combater, refletir, discutir sobre as práticas discriminatórias que assolam o nosso meio.

O reconhecimento identitário positivo de Tayó pode ser notado, quando ela se manifesta como uma princesa, valorizando-se como criança negra, que possui riquezas inestimáveis simbolizadas por sua coroa de palha da costa, búzios e ouro.

Tayó convida todas as crianças que se identificam com ela a se reconhecerem princesas, que carregam em seus cabelos a beleza do mundo, as riquezas, memórias de seus antepassados, instigando-as a viverem felizes com a própria beleza, sem a necessidade de buscar atender aos padrões impostos pela sociedade, que podem estar ligados ao desconhecimento das referências positivas advindas de sua origem.

Foi possível verificarmos a constituição de materiais que convergem para luta no combate à discriminação racial, preconceitos e racismos, e, além disso, favorecem o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas. A aventura protagonizada por Tayó trouxe valiosas contribuições, justamente para a valorização do corpo e do pertencimento identitário das crianças negras, que, por seu intermédio, vivenciaram relações de afetos, recebendo amparo e cuidado familiar, praticando atos de resistência e chegando ao conhecimento melhor de si mesmas.

### **Considerações Finais**

A literatura, como meio de linguagem que expressa a experiência humana, se ramifica pelos caminhos de nossas atividades enquanto indivíduos, valorizando o cotidiano, brincadeiras, escola, família e passando por campos como a política, valores sociais, questões étnico-raciais, e outros.

Nessa direção, quanto mais cedo as crianças dispuserem dos livros, das histórias poderosas, e depreenderem o prazer produzido pela leitura, maior a possibilidade de se tornarem adultos leitores. Desse modo, por meio da leitura, as crianças adquirem postura e conhecimento crítico-reflexivo, altamente indispensável à sua formação cognitiva.

A obra literária analisada versa sobre a importância da ancestralidade, a valorização da cultura e história africana e afro-brasileira. Contempla, ainda, o aspecto linguístico, com palavras provindas de idiomas africanos, de modo a propiciar aos que têm contato com essa leitura uma proximidade com a cultura africana e fomento do reconhecimento das contribuições dos povos africanos para a cultura brasileira.

O enredo em evidência pode permitir às crianças negras sentirem-se representadas nessas histórias, e às crianças não negras reconhecerem a história de um povo que contribuiu fortemente para a formação do povo brasileiro.

Portanto, acreditamos que os ouvintes e/ou leitores dessas obras possam se desconstruir acerca das amarras do racismo e se identifiquem com as personagens negras, para assim, se sentindo representados, desenvolvam seu reconhecimento de pertencimento étnico-racial positivo.

Propomos, com a realização deste trabalho que a Educação das Relações Étnico-Raciais seja desenvolvida no espaço escolar desde a infância, visto que visa contribuir na desconstrução do sentimento da inferiorização que tem se tornado presente na escola em alguns grupos étnicos e sociais promovido pelo preconceito e a discriminação racial. Para isso, faz-se essencial contemplar nas discussões escolares a forma como a escola tem tratado as relações raciais, e inserir na rotina didática do professor histórias infantis que contemplem a cultura, valores, história, lutas e vitórias dos escravizados. Os resultados deste trabalho é um processo a longo prazo, que é construído diariamente, por isso a importância de iniciá-lo o quanto antes.

## Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COSTA, E. G. Palavra e silêncio de corpos em trânsito. In: Oliveira, Ueber José de; Santos, Zaira Bomfante dos. **O ensino na educação básica: diálogos e possibilidades**. Vitória: Milfontes, 2017. p. 119-128.

DUARTE, E. A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/ago, 2003.

OLIVEIRA, K. **O mundo no black power de Tayó**. Ilustrado por Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2013.

ROSEMBERG, F. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: BENTO, M. A. (Org.). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade infantil: aspectos políticos, jurídicos e conceituais**. São Paulo: CEERT, 2012. p. 10-46.